



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR**

MARIA ELCIONE PACHECO CHAVES

FAMÍLIA E ESCOLA REFLEXÕES ACERCA DE AUSÊNCIAS E (DES)ENCONTROS

CASTANHAL - PA

2018

MARIA ELCIONE PACHECO CHAVES

FAMILIA E ESCOLA REFLEXÕES ACERCA DE
AUSENCIAS E (DES)ENCONTROS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de Pedagogia do Campus de castanhal Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, orientado pela professora Dra. Ivana de Oliveira Gomes e Silva.

CASTANHAL-PA

2018

FAMILIA E ESCOLA: REFLEXÕES ACERCA DE
AUSENCIAS E (DES)ENCONTROS

MARIA ELCIONE PACHECO CHAVES

Este trabalho de conclusão de curso será avaliado, para a obtenção do título de Licenciado Pleno em PEDAGOGIA, pelo corpo docente da Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal.

CASTANHAL, 28 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr. Ivana de Oliveira Gomes e Silva.

Orientadora

Professor Dr. Paulo Lucas da Silva

Examinador

Professor Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos

Examinador

Apresentado em: 28/12/2018

Conceito: -----

CASTANHAL-PÁ

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amado esposo Antônio Júnior, que foi quem se dedicou para que concluísse meu estudo, ficando muitas vezes sem ter o que comer para que eu pudesse pagar o aluguel e passar a semana em castanhal, à minha irmã Adriana, que foi sempre minha maior parceira se dedicando em cuida de minha casa e de meus filhos; aos meus filhos, Jorge Henrique Chaves e Sousa e Thiago Chaves Sousa, que sempre choravam e me fizeram chorar quando retornava para a faculdade, sem entender que tudo era para poder dar-lhes um futuro melhor; a minha mãe Altina Maria, que mesmo sem saber ler me ensinou a base de tudo nessas vida; a meu pai Jose Moacir, por sua incansável luta para ver seus filhos estudarem, com muito sacrifício, mas que surtiu efeito. Dedico a todos eles que foram minhas maiores fontes de inspirações, incentivo e apoio nesta caminhada, tanto financeiro como emocional, a dedicação maior vai para meu esposo pois es para ele este trabalho, pois sem ele nada seria possível de se concretizar. Dedico também a todas as pessoas que de uma forma ou outra, contribuíram para essa concretização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e a nossa Senhora de Fátima minha protetora, que sempre me mostra os caminhos bons na vida, me dando chances para alcançar meus objetivos.

Ao meu querido e amado, marido, Antônio Junior de Sousa, que com sua fibra e coragem se tornou um dos meus maiores incentivadores, se não dizer o maior, que com seu amor e desejo de me ver com um título de pedagoga não mediu esforços, para que não faltasse nada para mim, sempre dando um jeito, quando estive desempregada, muitas vezes deixando de comprar o que comer para que eu estivesse na faculdade, e não desistir a agradeço a ele que sofreu bastante com minha ausência, mas que sempre esperou por mim, me dando apoio e motivando para voltar na semana seguinte, ele que sempre enfrentou chuva para poder me esperar na BR 010 em meu retorno a cada final de semana, ao voltar pra casa, ele que sempre se mostrou forte estando chorando por dentro ao me ver partir toda semana, todas as férias durante quatro anos, sempre lutando para que chegasse na hora certa.

Aos meus queridos filhos, os quais sofreram muito com minha ausência, mas sempre foram meus maiores incentivadores neste trajeto, que até mesmos sem compreender direito o porquê da minha ausência todos esses anos, durante suas férias, ou mesmo quando, estiveram doentes, sempre me apoiaram e serviram de inspiração para que se concretize esse meu sonho, essa conquista.

A minha querida irmã Adriana, que foi quem sempre se dispôs sem medir esforços em cuidar de meus filhos, no decorrer de todos esses anos, sempre sendo mais que irmã, amiga e até mesmo mãe para eles em minha ausência.

A meus pai e mãe, que desde quando nasci sempre me direcionaram para o caminho do bem, transmitiram-me valores éticos e morais os quais sempre carrego em meu cotidiano, eles sempre me mantiveram ativa na escola desde a alfabetização até o ensino médio, apesar de poucas condições materiais, se desdobraram para que eu concluísse todas essas etapas de estudos, fazendo o que fosse necessário para que meu estudo se concretizasse, em especial meu pai que sempre enfrentou chuva, sol, água grande, pra sempre me encontrar à noiva da escola. Foram muitas as vezes que atravessamos o rio com água pelo pescoço, mas nem isso me fez desistir e muito menos meu pai.

A Marines por ter me dado a oportunidade de trabalhar como professora, me dando oportunidade para progredir nos estudos, e assim conseguir entrar na Universidade Federal do Pará, por meio do PARFOR.

As colegas Elsa, Cidercina, Leonicia, e Joana, pelas trocas de experiências, pelo convívio, pelas alegrias e incertezas, pela ajuda emocional e financeira, por sempre estarem ao meu lado, em todos esses momentos vivenciados no decorrer desses anos, onde partilhamos várias experiências, que suportaram as noites mal dormidas em kit-net apertadas sem conforto nenhum, em fim por tudo que passamos juntas e que agora só ficara as lembranças e muitas saudades, recordações de nossa equipe de trabalho, de nossos momentos de descontração.

Ao cobrador Gideone que sempre me levou a faculdade e nos trouxe, cobrando meia passagem, sempre se preocupou para que eu não ficasse da van que ele era cobrador.

E aos professores que contribuíram com seus ensinamentos, e tiveram a paciência em ensinar, que se dedicaram para eu pudesse aprender, tiveram paciência, mas jamais desistiram em alcançar o objetivo esperado e almejado por eles. Em especial os professores como; Denise, Raphaella, Deborah, Sueli, Perpetua, Carla, Eula, Eliane, Assunção Amaral, Madison, Rubenixom, Rubens, Dario, Salomão, que com seu jeito simples nunca mediram esforços em ensinar, em nos preparar para o mundo, para o trabalho, para a família e para a sociedade, homens e mulheres sábios aqui deixo meus agradecimentos a todos vocês, e aos que não lembrei no momento, também vos agradeço.

A minha orientadora Profa. Dra. Ivana de Oliveira Gomes e Silva, pelas sugestões, colaboração durante esses meses na construção desse trabalho, pelo direcionamento, para que esse trabalho fosse concluído, pela paciência que teve comigo.

A Universidade Federal do Pará, e ao programa Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, que me deram a chance para alcançar minha formação em Pedagogia, e proporcionaram muitos momentos importantes durante minha formação, e por terem me dado o privilégio de conhecer e ser ensinada por excelentes professores, jamais esquecerei.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	ASPECTOS HISTÓRICOS DA FAMÍLIA E EDUCAÇÃO.....	15
1.1	FAMÍLIA E EDUCAÇÃO NA PRE-HISTÓRIA	15
1.2	EDUCAÇÃO E FAMÍLIA NA IDADE ANTIGA.....	17
1.3	FAMÍLIA E ESCOLA, EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA	18
1.4	FAMÍLIA E ESCOLA, EDUCAÇÃO NA IDADE MODERNA.....	20
1.5	FAMÍLIA E ESCOLA NA IDADE CONTEMPORÂNEA	21
2	ANÁLISE DOS ESTUDOS FEITOS SOBRE FAMÍLIA E ESCOLA REALIZADOS NO BRASIL.....	26
2.1	A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA	26
2.2	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA PESQUISA DE CAMPO	30
2.3	ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS	32
2.4	ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PAIS E MÃES.....	34
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
4	REFERÊNCIAS	43

RESUMO

A pesquisa apresenta uma discussão acerca da família e da escola demonstrando que as duas instituições são as principais e maiores responsáveis pela educação das crianças e jovens em nosso país. O trabalho surgiu a partir da inquietação que se teve ao trabalhar em uma escola da zona rural, no Município de Mae do Rio PA. A inquietação ocorreu devido aos pais e mães da referida escola não participarem das atividades escolares de seus filhos, pois o não acompanhamento por parte dos pais e mães parecia ser um fator que contribuía para o atraso na educação dos mesmos. Os objetivos foram investigar os fatores que interferem para a pouca participação dos pais e mães na vida escolar de seus filhos, nas produções acadêmicas que debatem o tema e nas falas de mães e pais e mães da localidade onde atuo. Além desse objetivo, buscou-se observar a postura dos pais e mães em relação a educação de seus filhos; identificar quais os motivos que impedem a convivência dos pais e mães na escola; descrever os principais e maiores problemas enfrentado pelos pais e mães, no decorrer do ano letivo, que os deixam ausentes da vida escolar dos filhos nessa escola. As questões norteadoras foram: Compreender as causas dessa realidade frustrante e vigente naquela escola; esclarecer os motivos que estão intervindo para pouca participação desses pais e mães; esclarecer quais as maiores dificuldades encontradas que justifiquem esse distanciamento na educação escolar de seus filhos, além de investigar o que a educação significa para mães e pais e mães de alunos. A metodologia empreendida foi uma pesquisa de campo articulada a uma pesquisa bibliográfica. Para coleta de dados fez-se entrevistas com os docentes e com os pais e mães. Ficou evidenciado que o acompanhamento dos pais e mães na educação dos filhos contribui significativamente para o sucesso na educação dos mesmos, embora a presença e interesse dos pais não garanta automaticamente o sucesso escolar dos filhos e filhas.

Palavras Chave: Família, Escola, Participação, Ausência.

Não cabe ao estado, via escola pública substituir a responsabilidade que a família tem, a menos que ela esteja em situação de descuido total. Cabe a instituição promover a autonomia, a solidariedade e a formação crítica, mas a responsabilidade principal

continua sendo da família e ela não se pode eximir disso.

Marcio Sergio Cortela

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma inquietação que surgiu a partir da atuação como docente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Livramento, situada na zona rural do município de Mãe do Rio, Estado do Pará. Na época, os alunos apresentavam-se à escola, apenas com o caderno e lápis, sem a companhia de seus pais e mães. Aliás, os pais e mães na escola em questão, em raras exceções participavam das atividades enviadas, principalmente os deveres de casa, nesse sentido, verificou-se que sempre que se enviava as atividades para casa e verificava-se no dia seguinte notava-se que estavam como foram, do mesmo jeito, sempre incompletas.

Quando havia necessidade de mandar avisos no caderno, os pais e mães nunca ficavam sabendo, pois os mesmos não liam os avisos ou se liam não vinham a reunião, e dessa maneira sempre que haviam reuniões e eventos na escola poucos pais e mães compareciam, e assim, criou-se a estratégia de ir na casa dos pais e mães, avisá-los, e dessa forma, ia-se de casa em casa comunicando sobre a reunião. Às vezes perguntava-se o porquê desse descaso e tentou-se muitas vezes a inovação com projetos que envolvessem as famílias e a escola. No começo tudo bem, mas logo eles, os pais e mães, voltavam a se distanciar, uma das causas para que os projetos não avançassem eram os recursos financeiros ou operacionais para mantê-los ativos (eu, e a outra professora na época), visto que, tínhamos dificuldades para tirar recursos para investir em educação, sendo que os mesmos seriam para minha própria alimentação.

Dessa forma, a inquietação em relação a esse problema recorrente só aumentava, não tinha muito a quem recorrer, pois sempre que pedia ajuda ao diretor, a coordenadora, e até mesmo para a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), do período, a resposta era sempre a mesma: “é assim mesmo, não te bate com isso, que é perda de tempo, os pais e mães são sempre assim”. Me considerava muito nova na profissão de professora, e reconhece-se que não tive uma formação inicial que desse os aportes necessários para que utilizasse frente a essa problemática, assim, sem experiência e conhecimento suficiente na época, às vezes ficava calada e vinha embora da escola para casa, porém nunca conformada, pois a experiência como mãe reconhecia que aquilo não era correto. A dessa forma, não poderia agir daquela forma em relação a escola de meus filhos.

Precisava-se compreender o porquê de tanto descaso com a educação, muito mais pelos pais e mães que pareciam não se incomodar com a educação de seus próprios filhos. Assim, algumas perguntas, frequentemente, eram feitas para mim mesma, será que os pais e mães não

sabiam da importância que o ensino representa para a vida das crianças? Ou será que não queriam mesmo participar? Foi frustrante, pois gostaria de mudar aquela realidade e não sabia como, e nem tinha subsídio para isso, por ser contratada, acredito, ganhava menos de um salário mínimo, o que era uma vergonha.

Mesmo mal paga, precisava desse dinheiro, até mesmo pra manter-me no curso de Pedagogia – PARFOR, pois as despesas para cursar eram enormes, cito algumas delas, as mais visíveis eram: transporte, aluguel e alimentação, além dessas que ocorriam durante o período do estudo modular, haviam as despesas familiares.

Ao vivenciar o tão sonhado curso de pedagogia percebeu-se de fato que as inquietações iniciais em relação a ausência dos pais e mães, na escola, estavam corretas. Família e escola devem estar em simetria, e assim, a teoria aprendida no curso em questão afirmava que o que acontecia naquela escola, a supracitada, e onde trabalhava-se, não era normal, pois está garantido em leis nacionais que a família deve não apenas matricular os filhos, mas também acompanhar seu desempenho escolar, zelar junto com a escola pela frequência e permanência dos alunos.

Pode-se observar a partir da Constituição Federal (1988), conteúdo nas aulas de Legislação e Política Educacional, que a lei prevê no **Art. 205**. “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988).

Se é dever do Estado e da família, a omissão de qualquer uma das partes será um desrespeito à Constituição, um descumprimento da lei, um crime. E assim, percebeu-se que investigar as causas desse descaso era o que realmente deveria fazer, pois desde o início do curso já havia decidido o que investigar para apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso.

Para organizar melhor o desenvolvimento deste trabalho, durante as disciplinas que tratavam de metodologia da pesquisa, traçou-se os objetivos a serem alcançados com essa pesquisa, sendo que, o objetivo geral: investigar os fatores que estão interferindo para a pouca participação dos pais e mães na vida escolar de seus filhos. E os específicos: observar a postura dos pais e mães em relação a educação de seus filhos; identificar quais os motivos que impedem a convivência dos pais e mães na escola; descrever os principais e mais problemas enfrentado pelos pais e mães, no decorrer do ano letivo, que os deixam ausentes da vida escolar dos filhos nessa escola.

Embasada nessa premissa elaborou-se as questões que nortearam este trabalho, buscando explorar a problemática, Compreender as causas dessa realidade frustrante e vigente naquela escola; esclarecer os motivos que estão intervindo para pouca participação desses pais e mães; quais as maiores dificuldades encontradas que justifiquem esse distanciamento na educação escolar de seus filhos; entender o que a educação significa para eles, se teve significado para a vida deles (pais e mães).

Para fundamentar a pesquisa, empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica a partir das orientações específicas do TCC, fez-se uma leitura atenta e sistemática em relação a temática, e assim, leu-se artigos e alguns livros, através dos quais pode-se perceber, por meio da análise de experiências concretas, articuladas a leitura desse conjunto expressivo de pesquisas e ensaios sobre o tema em questão, que quando a escola melhora seu conhecimento e compreensão sobre os alunos, a sua capacidade de comunicação e adequação das estratégias didáticas aumenta e em consequência aumentam as chances de um trabalho escolar bem-sucedido, e dessa forma, a sua progressão em direção aos objetivos de formar pessoas esclarecidas acerca de si e do mundo será satisfatória.

Como profissional da educação, conhecendo e vivenciando o ato de educar, compreende-se que a ação educativa não se esgota entre as paredes de uma sala de aula, vai além. Para isso ocorrer, no entanto, é necessário um planejamento educacional que leve em conta a realidade dos alunos e a participação dos representantes de cada instância do sistema público de ensino, para atuar juntamente com as políticas e práticas de interação com a família de todos os alunos, visando a permanência e o sucesso dos estudantes. Teve-se dificuldades para realizar a pesquisa, pois não havia a disponibilidade de ferramentas suficientes, biblioteca, internet, etc. Contudo, seguiu-se na construção do trabalho, ressaltando que a experiência na pesquisa se transformou em uma aprendizagem relevante para a vida social e pessoal. Na dimensão social pelo fato de que dessa forma, está se apresentando uma reflexão acerca das maneiras de tratar problemas que surgem na escola, mas que envolvem a realidade social como um todo, passando pela família e comunidade onde se insere a escola. E na dimensão pessoal pelo fato de houve um enorme crescimento na minha vida, na capacidade de pensar de forma mais ampla os problemas, sendo o mais importante, a meu ver, o crescimento espiritual.

As questões que envolvem a ausência das famílias na vida escolar dos filhos compõem o *locus* do presente trabalho. Para compreender a problemática, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, para isso a leitura da obra de Philippe Ariès foi um passo importantíssimo. Além da pesquisa histórica envolvendo séculos de transformações na estrutura das famílias e da escola, na Europa, pôde-se compreender melhor o fato de que a educação se dá em diferentes

configurações e espaços. Para ampliar o suporte teórico recorreu-se a autores contemporâneos, inclusive pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, que direcionam suas pesquisas acadêmicas para este eixo temático. Essa pesquisa bibliográfica deu suporte à pesquisa de campo, na busca de esclarecer as diferentes concepções de família e suas transformações ao longo da história, assim como dos diferentes tipos de escola existentes nos diferentes séculos,

Para uma melhor compreensão dos estudos em escala nacional, analisou-se alguns artigos que retratam o quanto se tem pesquisado o tema família e escola (JUNGES; SARAIVA, 2016). Pode-se perceber pelos dados relatados no artigo das pesquisadoras, que não faz muito tempo que existe a pesquisa com essa temática no Brasil, surgindo as primeiras somente a partir da década de 1980, no século passado, quando as autoras encontraram apenas quatro pesquisas referentes a esse tema. Tal fato faz pensar, trazendo uma inquietação e indagação: será que não se tinha interesse em buscar respostas? Ou talvez, isso era tido pelos educadores da época como “normal”? A ausência familiar das atividades ocorridas no meio escolar não era encarada como problema educacional?

No presente trabalho articulou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, sendo a perspectiva adotada de caráter qualitativo. Na pesquisa empírica usou-se a entrevista e roteiros, como instrumentos para levantamento de respostas às hipóteses que mediaram o objetivo da pesquisa, e subsidiando para que a dimensão analítica se concretizasse. Com a aplicação dos roteiros de entrevistas nas conversas, obtiveram-se informações que foram analisadas, apresentando os sujeitos como colaboradores da pesquisa, evidentemente, a partir de sua permissão, através da assinatura do termo de compromisso e de meu comprometimento em utilizá-las somente para este fim.

Os sujeitos pesquisados foram o corpo docente atual no ano de 2018, em um total de duas docentes, e dezesseis (16) pais e/ou mães de alunos da referida escola. A entrevista com as docentes foi realizada no decorrer do mês de maio de 2018, pois não havia subsídios necessários para sua realização antes dessa data, ou em um tempo reduzido, pois trabalha-se atualmente em outra comunidade criando um empecilho para realização com mais rapidez. As entrevistas com as mães e pais de alunos foi realizada em agosto de 2018, sendo ouvidas ao todo as dezesseis (16) pessoas responsáveis pelos estudantes da escola. Após a realização das entrevistas, analisou-se as respostas obtidas, buscando-se não perder o foco principal da pesquisa, e nem fugir a linha raciocínio dos entrevistados, e dessa forma, posteriormente, passou-se a transcreve-las.

O *locus* da pesquisa é uma escola pequena, sua estrutura física está descrita desta forma: uma sala de aula, uma secretaria, uma cozinha, um depósito e dois banheiros. Esse prédio escolar, foi construído no ano de 2002, no mandato do Prefeito Antônio Saraiva Ribeiro, no entanto a escola já funcionava antes em um salão da comunidade. Desde a construção do prédio escolar o mesmo dispõe de recursos federais através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), que varia em conformidade de número de alunos e atualmente dispõe do Programa Mais Educação atendendo ao público do 1º ao 5º ano.

O presente trabalho faz parte de um esforço de gerar conhecimentos educacionais, por meio de estudos, pesquisas, que contribuam para as práticas educativas em sala de aula e para a formulação de projetos que garantam aos estudantes o direito de aprender. As famílias são entendidas como base importantíssima na vida escolar de seus filhos, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, sendo a sua colaboração com a escola considerada como estratégia de apoio inestimável à aprendizagem do educando.

A trabalho está estruturado em três partes distintas, porém interligadas e da seguinte forma: A primeira traz reflexões históricas sobre os aspectos da educação: pré-história, idade antiga, idade média, idade moderna e idade contemporânea. A segunda parte é uma análise dos estudos feitos sobre “família e escola” no Brasil. A terceira parte apresenta os resultados e a análise das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, em meio as respostas obtidas, pelos pais e mães e professores. Da articulação entre as pesquisas consultadas e as respostas recebidas faz-se a construção de uma série de considerações sobre o tema, concluindo assim essa investigação.

I ASPECTOS HISTÓRICOS DA FAMÍLIA E EDUCAÇÃO: DA PRÉ-HISTÓRIA À IDADE CONTEMPORÂNEA

1.1 FAMÍLIA E EDUCAÇÃO NA PRE-HISTÓRIA

Os aspectos relevantes das organizações sociais desenvolvidas no decorrer da existência humana, nos apresentam por meio dos estudos arqueológicos, momentos que nortearam o sistema familiar e educacional no decorrer da história, para melhor compreender o sistema educacional atual e as razões que envolvem a ausência da família da trajetória escolar de seus filhos. Buscamos nos textos as análises da família ao longo do tempo, assim como das formas que a educação assumia nos diferentes tempos históricos, como forma de se verificar os pontos relevantes que contribuíram para a realidade atualmente vivenciada.

A pré-história é como se designa o período anterior à invenção da escrita, foi um período que marcou o início da experiência humana em sociedade. Para sobreviver, os humanos nessa época, tiveram que aprender a conviver em grupos, pois a vida era difícil visto que havia condições adversas que os cercavam e eles se viram obrigados a desenvolver uma organização social, que teve a divisão de tarefas como base. Os arqueólogos afirmam pelas evidências encontradas, que havia uma divisão simples do trabalho de acordo com idade e o sexo, onde as mulheres cuidavam das crianças e eram responsáveis pela coleta de frutos e raízes, os homens caçavam, pescavam e defendiam o território.

A divisão do trabalho sempre existiu. Inicialmente, dava-se ao acaso, pela divisão sexual, de acordo com a idade e vigor corporal. Com a complexidade da vida em sociedade e o aprofundamento do sistema de trocas entre diferentes grupos e sociedades, identifica-se a divisão do trabalho em especialidades produtivas, designada pela expressão ‘divisão social do trabalho’ ou divisão do trabalho social (PIRES, 2009).

Segundo os vestígios analisados por pesquisadores, a convivência entre as pessoas nas famílias nessa época não era afetiva, mas sim uma necessidade, pois juntos formavam um campo de defesa, diante de animais e de outros grupos hostis. No início a organização social baseava-se em pequenos grupos humanos. Com o passar do tempo a vida em grupo evoluiu e começou a organizar-se socialmente intervindo e trocando experiências entre grupos e assim formando, grupos maiores. A concepção de família se desenvolveu nessa trajetória, de formas diferenciadas, de acordo com as trajetórias dos grupos humanos. Oliveira (2009, p 22), enfatiza o papel das diferentes culturas no desenvolvimento das ideias e conceitos de família:

A contextualização da família na sociedade possui arcabouço diversificado de conceitos. A concepção de família que historicamente foi sendo construída é fruto da trajetória de sua existência na sociedade. Lévi-Strauss (1986), afirma que é, de acordo

com o contexto social, em cada sociedade e em cada época histórica, que a vida doméstica passa a assumir determinadas formas específicas, evidenciando que a família não é instituição natural, mas reforçando a compreensão de que ela é socialmente construída de acordo com as normas culturais. (OLIVEIRA, 2009, p. 23)

O autor nos mostra que a família se compõe em conformidade com a cultura, determinada no tempo histórico vigente, respeitando as normas sociais existentes. Tal afirmação demonstra que existem diferentes concepções de famílias, na diversidade de culturas que temos espalhadas no planeta ao longo de milhares de anos. Tal ideia precisa ser considerada e debatida no contexto atual, visto que há tentativas de padronizar um tipo ideal de família, desconsiderando as diferenças culturais e o direito às diferenças, premissas de uma sociedade dita democrática.

Voltando ao nosso exercício de investigar o período que antecede a invenção da escrita, no chamado Mesolítico, conhecido como período de transição do período Paleolítico para o Neolítico, os grupos humanos começam a utilizar o fogo de forma estratégica, para assustar os animais, iluminar as habitações temporárias nas cavernas (pois eles ainda eram, em sua maioria, nômades), cozinhar os alimentos e, principalmente, para se protegerem do frio da época. O humano mesolítico cria novos hábitos, como por exemplo, o sedentarismo (ato de permanecer no mesmo local) e inventa novos tipos de armamentos para combater os animais ferozes e caçar alimentos. Na época os grupos humanos procuravam ficar perto de rios por serem fonte de alimento, onde pescavam, retiravam moluscos e ovos de pássaros, além de ser procurado por outros animais que queriam saciar a sua sede, e assim, ficavam ao alcance dos homens.

No período Neolítico, o homem cria novas formas de viver, deixando de depender da caça e passando a sobreviver da agricultura e da criação de animais. Tornou-se sedentário, estabeleceu uma nova organização social, constituiu tribos unidas por laços familiares, aldeias e mais tarde cidades, situadas em áreas férteis. O progresso técnico permitiu aumentar a produção agrícola e possibilitou o crescimento populacional. Nessa fase, grupos mais adiantados tecnicamente passaram a exercer domínio sobre outros, dando origem a sociedades cada vez mais complexas, fazendo da divisão do trabalho a base para tais avanços.

A produção da vida material e o aumento da população geram relação entre os homens e divisão do trabalho. Os vários estágios da divisão do trabalho correspondem às formas de propriedade da matéria, dos instrumentos e dos produtos do trabalho verificados em cada sociedade, nos diversos momentos históricos (Marx, 1982).

Como pode-se observar pelos textos e evidências arqueológicas, a família é o primeiro grupo social do qual o ser humano faz parte. Em geral, seus membros se identificam e estão

ligados por uma história em comum. Com esse grupo aprendem costumes e tradições que ensinam aos seus descendentes. Além disso, é possível herdar dos parentes objetos e outros bens, que costumam contribuir para fortalecer a memória e identidade da família unida por sua história.

A família pré-histórica era mantida através de fontes de sobrevivência e o refúgio que o indivíduo da época tem é o amparo, através dos grupos. Philippe Ariès traz uma definição de família, citando Duby que nos auxilia a esclarecer o conceito que:

Na realidade, a família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado. Mas assim que as instituições políticas lhe oferecem garantias suficientes, ele se esquiva da opressão da família e os laços de sangue se afrouxam. A história da linhagem é uma sucessão de contrações e distensões, cujo ritmo sofre as modificações da ordem política. (DUBY *apud* ARIÈS, 1981, p. 213).

Com o passar dos anos, houve um refinamento no pensamento e na linguagem, pois o desenvolvimento da mente humana e a acumulação de experiências e conhecimentos, levou ao aperfeiçoamento dos instrumentos e técnicas de caça, pesca, agricultura, utensílios domésticos, melhorando as condições de sobrevivência. Desenvolveram também a sua vida em sociedade, as suas atitudes e hábitos sociais, como a vida familiar, e a participação coletiva. Daí em diante surgiram povoações cada vez mais numerosas, que originaram as grandes cidades e o desenvolvimento do comércio.

A família é essencial nos primeiros anos de vida dos indivíduos, observa Ariès (1981), já que o ser humano na infância é incapaz de tomar suas próprias decisões e necessita de amparo. No entanto, até o século XVII, Ariès afirma que as famílias existiam muito mais voltadas para a vida em público, não existindo quase nenhuma intimidade ou apegos sentimentais. Assim que o ser humano se tornava forte e capaz de assumir tarefas no grupo social, a sociedade lhe fornecia o suporte para que ele seguisse aquilo que a política regia para a vida de seus membros.

Assim podendo entender e refletir sobre como se organizava a sociedade e como a educação era vista desde do surgimento do homem na terra. Através da leitura das pesquisas de ARIÈS (1981), foi possível refletir acerca das mudanças na família e em meio ao campo educacional. O autor destaca que na idade média o sentimento da família não existia senão apenas como uma linhagem a ser seguida.

1.2 EDUCAÇÃO E FAMÍLIA NA IDADE ANTIGA

Como marco do início da História é convencionado a invenção da escrita, fase em que os estados e cidades na Idade antiga ou antiguidade, são fundados. Logo após o surgimento da escrita os grupos humanos passam a registrar os acontecimentos. Esse período se estendeu desde a invenção da escrita (4000 a. C. a 3500 a. C.) até a queda do império romano do Ocidente (476 d. C.) e no início da Idade Média (século V).

Nesse período o uso da escrita proporcionou uma maior fidelidade nos registros dos acontecimentos das civilizações antigas. Os registros da época mostram o crescimento da economia, da cultura, da sistematização dos conhecimentos da matemática, geografia, astronomia, com destaque a vários povos que se constituíram importantes referências, como por exemplo as chamadas civilizações hidráulicas (no Egito, Mesopotâmia e China).

Além do progresso cultural outro fator que gerou o desenvolvimento na antiguidade foi o desenvolvimento do mercado (comercio), associado ao marco da escrita, que foi também determinante para o desenvolvimento das cidades e para o crescimento econômico. As famílias da antiguidade conviviam em espaços próximos, e assim o casamento era uma garantia para a permanência da linhagem da família. Rocha (2015) esclarece que:

Tanto nos povos orientais como nos povos ocidentais, os estudos mostram que a primeira etapa da família foi a família consanguínea. Os grupos conjugais classificavam, ocorrendo com os filhos destes e assim sucessivamente, ou seja, entre netos e bisnetos. Dos direitos e deveres do casamento só estavam excluídos, os ascendentes, os pais e mães e os filhos. Irmãos e irmãs, primos e primas, em qualquer grau, eram todos, entre si, irmãos e irmãs, e por consequência marido e mulheres uns dos outros. A família consanguínea tinha, dentro de suas normas, exatamente as funções de cada ente social. (ROCHA, 2015, p. 13).

Consanguinidades, linhagens, alianças entre famílias, são regras que envolvem os casamentos desde essa época. O arranjo familiar agregava além do núcleo familiar (pai, mãe e filhos), primos, avós, empregados. Tal organização somente será alterada de forma significativa no século XIX, após a Revolução Industrial. A educação das crianças era feita por parentes, que via de regra as recebiam para educar profissionalmente, segundo Ariès (1981), como consequência não cultivavam laços afetivos entre si.

1.3 FAMÍLIA E ESCOLA, EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA

Iniciamos este diálogo enfatizando que nesta época não existia um sentimento da infância (ARIÈS, 1981, p. 156), era uma sociedade de adultos. A idade média foi um período em que a igreja católica era a instituição responsável pela educação e tinha muita influência,

pois era a mesma que determinava o que deveria ser estudado, sobretudo os conteúdos e objetivos da educação. As escolas eram vinculadas as igrejas e principalmente as escolas eram regidas pelos seus valores éticos e morais, sua conduta de comportamento era tida como regra para toda a sociedade. No entanto, como a educação não se restringia apenas aos ensinamentos da igreja, haviam desde a antiguidade estudos das ciências, técnicas e habilidades (ARIÈS, 1981). Uma das marcas da época é que a educação se dava através da transmissão de técnicas de habilidades, desenvolvimento da leitura e escrita do latim e formação religiosa.

Os padres eram escribas e muito deles eram professores, mas ensinavam tendo como intuito em formar sacerdotes, por isso abrangiam temas religiosos. Na época haviam apenas quatro tipos de escolas que eram: Paroquiais, Monásticas, Palatinas e Universidades Medievais. As escolas paroquiais frisavam na formação de sacerdotes. As escolas Monásticas detinham em formar monges. Já a escola Palatinas apresentava uma formação mais ampla do indivíduo, formando os filhos dos nobres.

Em meados do século XII surgem na Europa às universidades Medievais, localizadas na França Inglaterra e Itália, onde os estudos eram voltados para pesquisas, produção de conhecimentos, reflexões e debates, os mesmos princípios servem hoje, como exemplo para todas universidades no mundo. Os responsáveis por essas universidades eram as comunidades compostas por mestres estudantes. Apesar do tempo ser outro, herdamos princípios antigos e temos traços dessa estrutura ainda hoje no sistema educacional.

Segundo Philippe Ariès (1981) a criança não era tida como um ser diferente dos adultos durante muitos séculos, sendo considerada como uma miniatura de homens e mulheres, aquela criança poderia realizar as mesmas atividades familiares que os adultos exerciam.

A criança seria vista como substituível, como ser produtivo que tinha uma função utilitária para a sociedade, pois a partir dos sete anos de idade era inserida na vida adulta. A criança tornava-se útil na economia familiar, realizando tarefas e imitando seus pais e mães e suas mães. Havia responsabilidade legal de cumprir seus ofícios perante a coletividade. (ARIÈS, 1981, p. 228)

Pode-se observar, segundo as teses estudadas e que estão explícitas no trabalho que, nessa época, como mostra o autor, a criança não tinha a infância vivida de maneira diferenciada, levava uma vida como a de um adulto, com os mesmos compromissos e responsabilidades dos adultos, e isso se repetiu por um longo período.

Vale lembrar que a transformação do conceito e das formas de organização da família medieval para a organização da família do século XVII, assim como o conceito de família moderna, durante muito tempo, foi limitada às classes sociais abastadas, aos nobres, burgueses

artesãos e lavradores ricos. Com a inserção da escola, da noção de privacidade, e com a manutenção das crianças junto aos pais e mães, criou-se um sentimento de família valorizado por instituições, especialmente a Igreja. A família nuclear burguesa começa a se expandir como ideia e a vida familiar foi estendendo-se a toda a sociedade (ARIÈS, 1981). Contraditoriamente, no início do século XIX, grande parte da população, com características econômicas precárias e com número maior de componentes, vivia como as famílias medievais.

Philippe Ariès mostrou que durante séculos, os mesmos jogos e ensinamentos foram comuns as diferentes classes sociais, mas logo após o século XVIII, a sociedade começou a ser dividida em classes, cada uma tendo como limite o que possuía em riquezas, e nesse contexto surgiram as escolas diferenciadas, ricas e bem estruturadas destinadas para os mais ricos, e as escolas simples e precárias destinadas aos pobres.

As escolas de caridades do século XVII fundada para os pobres, atraíram também as crianças ricas, mais a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitavam mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para coloca-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo o monopólio conquistaram. (ARIÈS, 1981, p.278).

Com isso vale ressaltar que Philippe Ariès (1981, p. 279) destaca a ruptura nas vivências sociais na Europa, que advém da revolução industrial, visto que até então “As pessoas viviam num estado de contraste; o nascimento nobre ou a fortuna, andavam lado a lado com a miséria, o vício com a virtude, o escândalo com a devoção”. O autor destaca também que na idade Média a educação das crianças era garantida pela aprendizagem na vivência com os adultos, visto que a escola naquele período era reservada aos clérigos (idem, p. 231).

1.4 - FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO NA IDADE MODERNA

Na Idade Moderna a educação nas escolas passa a ser considerada um instrumento de iniciação social. Ocorre que, segundo Ariès (idem, p. 232), a família burguesa de então havia se concentrado em torno da criança de tal forma, que quando surgiu a ideia de deixar os filhos irem ao colégio, em vez de educá-las em casa com um preceptor, tal fato causou transtornos e vários arranjos foram feitos. Ao enviar as crianças ao colégio, muitas famílias no século XVII escolhiam deixá-las morando em pensionatos e não no regime de internato. Assim as mães passavam a se deslocar para estar com os filhos nas localidades onde estudavam. A pequena oferta de colégios gerava esses problemas às famílias, que desenvolvendo um envolvimento sentimental semelhante ao que temos, passaram a pressionar por mais escolas próximas de suas propriedades. Contudo, essas mudanças na educação atingiam apenas uma parcela da

população, de tal modo que as antigas práticas de educação para o trabalho continuaram a existir principalmente para as famílias mais pobres (idem, p. 233). Somente nos séculos XVIII e XIX a oferta de escolarização atingiria as meninas, que continuavam a ser educadas pela prática e costumes no contexto familiar e comunitário. Contudo, nessa coexistência das antigas formas de educar e da escola, a escola venceu.

A educação escolar na idade moderna torna-se um fenômeno de sucesso, trazendo um modelo de formação que se torna a base da civilização deste período histórico. Com o passar do tempo o modelo de educação escolar se consolidou e foi se estendendo às diferentes camadas da sociedade. No seu desenvolvimento são definidas as disciplinas, criam-se escolas graduadas, são definidas formas de avaliações para medir o ensino-aprendizado dos alunos.

Na Idade Moderna a família retomada como núcleo de afetos e animada pelo sentimento da infância que fazia cada vez mais criança o centro motor da vida familiar, (ARIÈS, 1981, p. 277), a família passa a assumir o compromisso moral de preparar os filhos para a vida. A escola deveria assumir tal tarefa. De acordo com Ariès:

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade que ela gozava entre os adultos. Inflingiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas. (ARIÈS, 1981, p. 278)

De acordo com Ariès, a nova sociedade elaborava um sistema de cuidado e de controles da criança que buscava conformá-la a um ideal, mas também a valorizá-la como um mito de espontaneidade e de inocência. Os pais e mães não se contentavam mais em apenas por filhos no mundo, pois a moral da época impunha que se desse a todos os filhos, não mais somente ao primogênito, a condição de estarem preparados para a vida.

1.5. FAMÍLIA E ESCOLA NA IDADE CONTEMPORÂNEA

A idade contemporânea iniciou-se com a Revolução Francesa de 1789, perdurando até os dias atuais, época marcada por transformações profundas na organização da sociedade e também por conflitos mundiais. A Revolução Francesa ou revolução burguesa é o marco inicial da Idade Contemporânea, fato histórico que causou impactos e produziu efeitos em diversos locais do mundo. Iniciou assim a configuração do poder político que iria ser característico da

burguesia, a nova classe dominante: republicano, constitucional, representativo, defensor da propriedade e com forças militares profissionalizadas.

O poder político burguês foi responsável pelo desenvolvimento econômico capitalista, que ao longo desse período histórico instaurou-se como forma predominante de organização econômica, disseminada para todos os continentes do mundo. Outra característica da Idade Contemporânea foi a formação dos Estados Nacionais e dos nacionalismos, que iriam estar na origem de inúmeras disputas territoriais na Europa e nas áreas coloniais. As próprias guerras mundiais e os regimes totalitários que ocorreram no século XX tiveram no nacionalismo suas origens.

Com os novos acontecimentos ocorridos no século XIX, surgiu o modelo da escola tradicional, no qual o ensino era centrado unicamente em professores, e os alunos tratados como receptores, descrito por Antônio Nóvoa (2010), a seguir;

Ao longo do século XIX, em paralelo com a emergência de novos modos de governo e afirmação dos estados-nação, a escola num elemento central do processo de homogeneização e de invenção de uma cidadania nacional. Através da atribuição cultural de todas as aparências do natural, a escola desempenha um papel central na concessão ao estado do monopólio da violência simbólica (que se quer legítima). O desenvolvimento da escola de massa faz parte de uma dinâmica transnacional que inscreve nos diversos contextos nacionais racionalidades e tecnologias de progresso difundidos a nível mundial. Fixa-se então uma espécie de gramática de ensino, que marca uma vez que constrói e que se organiza – a nossa forma de ver a escola: alunos agrupados em classes graduadas, com uma proporção homogênea e um número de efetivos poucos agradável: professor atuando sempre a título individual, com perfil de generalistas (ensino primário) ou de especialista (ensino secundário); espaços estruturados de ação escolar, induzindo uma pedagogia escolar centrada essencialmente na sala de aula; horários escolares rigidamente estabelecido, que põe em prática um controle social do tempo escolar. Saberes organizados em disciplinas escolares, que são referências estruturantes do ensino e do trabalho pedagógico, esse e o que está vigente nas escolas, onde o cumprimento de deveres padrões são mais importantes que o ensino aprendido dos educandos. (NOVOA, 2010, p. 3).

Como pode-se observar, as mudanças culturais são influenciadas a partir das transformações sociais, políticas e econômicas que a sociedade vem sofrendo e todo esse impacto é refletida no interior da família e das relações estabelecidas entre pais e mães e filhos. (ARIÈS, 1981, p. 278). A junção entre as instituições família e escola pode ser considerada uma dessas transformações, pois como percebemos anteriormente a criança era tida como um ser adulto e, dessa forma eram tratadas como tal.

Podemos destacar neste trabalho que o século XX foi uma época em que as novas dinâmicas sociais influenciaram a instituição familiar e o sistema escolar, provocando assim o surgimento de novos traços, estabelecendo novos contornos nas relações entre essas duas

grandes instâncias de socialização e formação do ser humano. A família apresenta configurações próprias a cada sociedade e a cada momento histórico, embora sua existência seja um fato observado universalmente, ela articula dialeticamente o universal e o particular, as tradições e as inovações.

Com tantas transformações se estendendo no meio familiar no decorrer de séculos, hoje, não se pode mais se restringir a tratar de um único tipo de família, aquela originária do casamento, entre sexos diferentes. Existem hoje várias composições familiares, famílias entre pessoas do mesmo sexo, que se constitui e vivem como uma família fugindo daquela, dita padrão “marido e mulher”. Existe também a composição familiar a qual não aderiram o casamento e vivem em união estável e vivem e convivem bem, além das uniões compostas de pessoas do mesmo sexo. Não se pode de antemão excluir ou desconsiderar as entidades familiares não provenientes de casamento. Em todo o mundo contemporâneo existe o desafio de aceitar e respeitar a diversidade familiar, tendo embates de resistência por parte de muitas entidades religiosas, mas, por outro lado, apenas quem convive em contato diretamente com as classes sociais populares, pode perceber a força dessa aceitação no cotidiano.

Porém, ainda pessoas que não aceitam os comportamentos vigentes nessa nova geração, rotulando-os como seres imorais. Cabe a nós, enquanto escola, combater esse discurso. Afinal, a escola como entidade formadora tem um grande desafio em trabalhar com essa diversidade de famílias, mostrando a todas que cada configuração familiar é digna de respeito e possui responsabilidades em meio a sociedade atual, e que elas são tão importantes para a sociedade como qualquer outra.

Nogueira (2008) enfatiza, nesse sentido, que:

Na família contemporânea, a noção de respeito não desapareceu; ela mudou de sentido. Ela marca, doravante, o reconhecimento, não mais de uma autoridade superior, mas do direito de todo indivíduo, pequeno ou grande, de ser considerado como uma pessoa (NOGUEIRA, 2008, p. 160).

O que está vigente em meio ao convívio social, é que a maioria dos pais e mães, não está acompanhando a evolução que os sistemas familiar e educacional sofrem, e ainda defende um certo controle familiar autoritário, uma noção de respeito onde um cala e o outro consente. Atualmente tal noção está dando lugar a uma outra ideia de respeito, baseada na democracia, assim descrita pela autora, que afirma ainda que:

No bojo desse movimento, emergem novos valores educacionais preconizando o respeito pela individualidade e pela autonomia juvenis, a liberalidade nas relações entre pais e mães e filhos – que agora não devem pautar-se mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo. Em suma, os pais e mães tornam-se provedores de bem-estar psicológico para os filhos. Esse novo modelo de família alarga de forma intensa a responsabilidade parental em relação aos filhos. Estes

últimos funcionam como um espelho em que os pais e mães veem refletidos os acertos e erros de suas concepções e práticas educativas – os quais costumam se fazer acompanhar de sentimento de orgulho ou, ao contrário, de culpa. (NOGUEIRA, 2008, p. 160)

A pesquisa empírica mostrou que os pais e mães se culpam pelo mau comportamento e até mesmo pelo aprendizado lento que muitos filhos apresentam, pois dizem que por pouco conhecimento, ou por não terem se dedicado a educação em seu tempo de estudo, como disseram alguns pais e mães, não tem como acompanhar a educação escolar de seus filhos. A busca pela participação da família na vida escolar dos filhos gera expectativas, mas também gera tensões. As diferenças geracionais e as mudanças na escola produzem (DES)ENCONTROS, além do fato de que na pesquisa de campo há também as dificuldades relacionadas ao perfil educacional e ao trabalho e tempo para acompanhar os filhos nas tarefas.

Nogueira (2008) entende que:

A complexificação das redes escolares contemporâneas constitui um outro componente desse quadro de mudanças no panorama escolar. Se, antes, as redes escolares apresentavam uma densidade (número de estabelecimentos) bem mais reduzida e uma composição (diferenças entre eles) bem mais homogênea, hoje em dia os pais e mães se vêem na contingência – em maior ou menor grau, conforme o meio social de pertencimento – de escolher entre diferentes perfis de estabelecimentos de ensino, que variam segundo múltiplos aspectos: localização, infraestrutura, clientela, grau de tradição, qualidade do ensino, clima disciplinar, proposta pedagógica, para citar os mais importantes. Ora, esse ato de escolha ensejará mais uma oportunidade de aproximação dos pais e mães em relação ao universo escolar, pois ele pressupõe, entre outras coisas, a observação e busca de informações sobre os diferentes estabelecimentos e seus modos de funcionamento. Se, portanto, a família vem penetrando crescentemente os espaços escolares, a escola também, por sua vez, alargou consideravelmente sua zona de interação com a instituição familiar. (NOGUEIRA, 2008, p. 162)

No Brasil, após a promulgação da constituição de 1988, especialmente na década de 1990, as transformações foram grandes e marcantes para o sistema escolar e familiar no brasileira, com mudanças significativas na questão da ampliação de direitos sociais, na maior participação popular nos debates políticos, nas propostas e leis que visavam diminuir a desigualdade, assim como na elaboração da LDBEN aprovada em 1996.

O estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) criado a partir da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, representa um grande avanço da legislação brasileira, iniciado com promulgação da Constituição de 1988, o ECA veio garantir o direito da Criança e do Adolescente, como atenção e tratamento com atenção, proteção, cuidado especiais, para seu desenvolvimentos e preparação para o ser adulto consciente de suas ações e atitudes. A partir daí a responsabilidade da educação de uma criança ou de um adolescente não está centrada mais somente na família ou na escola, e isso assegura em lei que todos os entes, “família, comunidade, escola, sociedade e o poder público”, precisam oferecer condições para as crianças e adolescentes terem acesso

não somente a educação, mas também todos os direitos referentes à vida, conforme assegurado no texto da lei:

Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL,2006)

A participação dos pais e mães aparece da seguinte forma

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. [...]

Parágrafo único. É direito dos pais e mães ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Os pais e mães na maioria das vezes não conhecem os seus direitos por isso não vão em busca de conhecer e vivenciar, as propostas pedagógicas a qual suas crianças irão percorrer. Toda criança tem que ser matriculada na rede regular de ensino, de acordo com a legislação. Os pais e mães que não matricularem os filhos conforme a lei determina serão punidos.

Art. 55. Os pais e mães ou responsáveis tem a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 129. São medidas aplicáveis aos pais e mães ou responsável:

V – Obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar (BRASIL, 2006).

Os pais e mães ou responsáveis que não matricularem seus filhos ou pupilos em um sistema de ensino seja ele público ou privado, terá que responder por seus atos, e devem juntos à escola, zelar pela frequência e pelo aproveitamento escolar de seus filhos.

Mediante esses direitos assegurados na legislação, e, vivenciando o descumprimento destes, busco respostas junto aos pais e mães: será que é porque não conhecem a lei? Ou será porque não estão interessados mesmo com a educação de seus filhos? São muitas interrogações, que muitas vezes fica complicado desmistifica-las.

2 - ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE FAMÍLIA E ESCOLA REALIZADOS NO BRASIL

A criança constrói sua história no decorrer do tempo, desde seu nascimento, mas sempre apoiada na família. E a família é sua maior ferramenta de apoio, é na família que aprendem valores morais, e sentem força para progredir em formações posteriores. A família continua atuando como figura principal para nortear a mesma em sua formação no decorrer de sua vida e a escola torna-se o segundo meio social onde a criança dialoga e aprende a conviver. A escola foi tornada responsável pela formação, autoridade da educação formal e cidadã do indivíduo, para cumprir esse papel necessita desenvolver estratégias pedagógicas, metodologias inovadoras e atrativas para que as crianças criem formas para se expressar e desenvolver seu raciocínio. Para que isso se concretize os investimentos e políticas públicas são essenciais.

Nóvoa (2010), ressalta que a escola de antigamente era uma escola toda poderosa, uma escola justiceira, na qual os professores estariam investidos de uma missão de moralização da sociedade, mas no decorrer dos tempos, esse conceito distancia-se. A valorização social da escola e da figura do professor se desgasta, no entanto, não se pensa em inovar a educação se não levarmos em conta esses poderes que a escola ainda detém, que está sempre vigente, não pelo poder autoritário, mas sim por ser a responsável por transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade na perspectiva de um futuro que garanta a continuidade da vida.

No entanto, em tempos atuais as famílias se configuram por novas estruturas, pois o formato percebido pela família tradicional do século XVII, onde havia determinações rígidas, pudor e rigor foi modificada. As mudanças se deram por conta de novos modelos e novas formas de relacionamento familiar, entre eles apresentam-se alguns fatores, como: exigências interpessoais, relacionamento afetivo e sexual, além da aparição e hibridismo de novas culturas em todos os setores sociais e em todas as nações (ROMANELLI, 1998).

2.1 - A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA

Quando falamos em educação de crianças e adolescentes, pode-se salientar duas instituições de extrema importância nesse processo: família e escola, cada uma à sua maneira, responsáveis por conduzir a criança e adolescente corretamente, para que se torne um adulto responsável, em conformidade com a Constituição Federal (1988) e com a LDBEN, Lei nº 9394/96. As leis preveem que a família tem que ter uma responsabilidade maior, no processo.

A (LDB 1996) no art. 2º afirma que;

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordo com a lei, as famílias e o Estado são obrigados a ter responsabilidade com as crianças e adolescentes, definidos como educandos. Portanto, família e estado, tem como encargo zelar pelo pleno desenvolvimento dos educandos e prepará-los para a vida, para o exercício da cidadania, que se desenvolve a partir do conhecimento dos direitos e dos deveres dos sujeitos na sociedade, trazendo por último a questão da qualificação para o trabalho, dando, portanto, primazia aos princípios de liberdade e de solidariedade.

Dessa forma, compreende-se que a presença da família é fundamental para que tenhamos êxito no processo educacional, visto que a própria Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu Art. 205, dispõe que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Nessa perspectiva entende-se que a família tem papel de extrema relevância na aprendizagem da criança, pois está fortemente ligada ao papel da escola. Segundo Zagury (2002, p. 175).

A pesquisa nos aponta que no Brasil a temática sobre família e escola nos anos mais recentes tem sido investigada, demonstrando uma preocupação crescente com a qualidade da educação oferecida à crianças, adolescentes e jovens. Pensa-se que ao estudar as lacunas na formação e pensando no futuro, buscaram-se, respostas que tragam condições para alcançar o sucesso escolar, resultando em dados que subsidiem políticas públicas para prover o sistema educacional com mais profissionais capacitados e competentes e estruturas adequadas para o ensino e aprendizagem. A família e o Estado têm papéis de protagonistas na formação dos mais jovens, não podendo se omitir de tamanha responsabilidade.

Os estudos a que tivemos acesso, mostram que nos últimos vinte e cinco anos as investigações sobre família e escola tem ganhado ênfase nas pesquisas educacionais realizadas no Brasil, tendo foco tanto no aspecto da docência como na área das políticas públicas. O Brasil, segundo Nogueira, Romaneli e Zago (2011, p. 5) ainda não apresenta propriamente uma tradição de pesquisa sobre o tema das relações que as famílias mantêm com a escola. Citam como prova disso dados das pesquisas realizadas nas décadas de 1980 e 1990, que mostram apenas quatro números temáticos de periódicos científicos, de circulação nacional, da área da educação que se

dedicaram a abordar o assunto: em 1981, na revista *Cadernos de Pesquisa*, o tema foi "A família em questão"; em 1992, na *Revista Psicologia USP*, o tema foi "Família e Educação"; em 1994 nos *Cadernos de Pesquisas*, novamente o tema foi "Família em destaque"; e em 1997, no *Caderno Cedes*, o tema foi "Família, escola e sociedade". De um total de 37 artigos publicados nestas edições, apenas três abordavam, de fato, a família em suas relações com a vida escolar dos filhos (NOGUEIRA; ROMANELI e ZAGO, 2011. P. 5).

Alguns artigos pesquisados, mostram que o que mais motiva a escola a querer se comunicar com os pais e mães, são as situações de baixo rendimento, mau comportamento ou problemas escolares (COSTA, 2012; FEVORINI e LOMÔNACO, 2009). Por outro lado, o que os pais e mães mais desejam, conforme apontado em alguns estudos, é que possam ter mais acesso às informações importantes sobre a escolaridade dos filhos para estabelecer um diálogo aberto com os professores (MUNHOZ e SCATRALHE, 2012; OLIVEIRA e MARINHO-ARAÚJO, 2010; BHERING e SIRAJ-BLATCHFORD, 1999). Os professores, por sua vez, desejam que os pais e mães sejam mais permeáveis às suas orientações (MUNHOZ e SCATRALHE, 2012). Essa falta de sintonia entre as aspirações dos pais e as intenções dos trabalhadores da educação escolar, cria embaraços e gera afastamentos mútuos.

É notória a forma como era vista à família em meio à educação escolar, por gestores escolares e por parte dos dirigentes de programas sociais, que tanto ressaltam a educação de qualidade como fim e acabam deixando de lado projetos que envolvam a temática família/escola. A família acaba sendo tratada muitas vezes como um detalhe sem importância para o processo de ensino aprendizagem, apesar de longos discursos afirmando o contrário. A pesquisa chama atenção para o fato de que faltam esclarecimentos para que pais e mães possam perceber sua importância na vida escolar de seus filhos, analisar que suas obrigações não são apenas de: matricular, comprar materiais e alimentação para seus filhos e filhas, e sim mostrar que quanto mais presentes na escola, maior a probabilidade de buscar o sucesso no aprendizado.

Segundo o estudo, neste trabalho, quando um professor assume a educação escolar em uma determinada comunidade, precisa-se de uma adaptação para que ele possa vivenciar a cultura local, e envolve-la nas suas práticas, para que não seja deixada de lado no ensino, como se fosse algo sem valor. Pensa-se que somente a partir da articulação das teorias pedagógicas com a realidade que envolve a escola será possível avançar, respeitando a vigência da cultura local, trazendo para sua sala de aula os conteúdos reais, motivando os alunos daquele espaço a participar ativamente, de uma forma que os mesmos sintam prazer em aprender.

A escola, na análise feita por Nunes e Vilarinho (2001), precisa estar preparada para atender às famílias em suas novas configurações e, também, à família ampliada e “cotidiana” de cada aluno, como, por exemplo, no caso de avós que assumem os cuidados diários dos netos em função do trabalho dos filhos ou de eventuais rompimentos de relacionamentos. Para que a relação família-escola esteja fundamentada em pressupostos de igualdade, é preciso haver mudanças nas relações já tradicionalmente construídas (MARCONDES e SIGOLO, 2012). Nota-se uma mudança repentina quando se passa a conviver com outras realidades de famílias diferentes do padrão tradicional, a readaptação dos trabalhadores da educação escolar aos “novos padrões”, requer esforço dobrado, porque muitas vezes não estamos preparados em assumi-los e aceita-los, por outro lado, as inovações só produzem efeito se começarem a ser realmente compreendidas, pois não adiantaria querer inovar por modismos se continuar na mesmice de um velho pensamento acerca de uma realidade superada. Diante da velocidade das mudanças que ocorrem, a escola precisa estar atenta e consciente de seu papel inclusivo e formativo.

Inúmeros artigos abordam definições de família na atualidade e discutem se esta vem vivendo ou não uma crise em sua forma de se estruturar, devido às suas novas configurações (MARCONDES e SIGOLO, 2012; OLIVEIRA e MARINHO-ARAÚJO, 2010; SILVEIRA e WAGNER, 2009; POLONIA e DESSEN, 2007; SILVA, 2007; GLÓRIA, 2005; CARVALHO, 2004; NUNES e VILARINHO, 2001; CARVALHO, 2000; BHERING e SIRAJ-BLATCHFORD, 1999; WOLF, 1989). Apesar da busca por um conceito comum ser recorrente na literatura, Oliveira e Marinho-Araújo (2010) referem ainda não ser possível afirmar que exista uma definição única, aceita consensualmente. Mesmo assim, há que se levar em conta, segundo os autores, àquelas definições que contemplam as variáveis mínimas do que se entende por família: a existência de uma díade, formada por adultos, e a intimidade vivenciada por seus membros. Contudo, há famílias que têm apenas um adulto responsável, seja o pai, a mãe, uma avó ou tia, que precisam ser consideradas e tratadas de forma adequada.

Enquanto no enfoque sociológico a família é responsabilizada pela formação social e moral do indivíduo, no enfoque psicológico ela é responsabilizada pela formação psicológica. A ideia de que a família é a referência de vida da criança. Se a família não incentiva e participa, da formação cidadã que supostamente deseja alcançar para seu filho, haverá uma lacuna. A família é sua primeira sociedade que deve além de proteger e cuidar, ensinar princípios e valores aos mais jovens.

Percebe-se nesta pesquisa que os estudos acerca desse tema são poucos, apesar de existirem muitos discursos de ocasião fazendo alarde na suposta defesa da família e de uma revisão dos

valores da educação, pois estamos vivendo momentos políticos desgastantes, em que determinados grupos de representantes políticos retrógrados não estão preocupados com políticas públicas educacionais no sentido amplo. Assistimos uma competição política voltada para determinados grupos elitistas manterem apenas seu próprio bem-estar, sustentados pelas desigualdades sociais. De certa forma teremos que assumir no chão da escola, a tarefa de nos aproximar das famílias. A pesquisa alerta para o fato de que precisamos nos motivar e trabalhar em prol de projetos que consigam reaproximar a comunidade escolar, fortalecendo vínculos entre as pessoas, pois todos temos direitos que estão sendo ameaçados. É evidente, que os pais e mães possuem o direito de serem informados do tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos. (PIAGET, 2007, p. 50), assim como precisam saber da realidade dos direitos dos professores, que se veem fragilizados diante dos gestores do sistema educacional.

Assim, temos muitas questões de base para enfrentar, a medida em que em alguns contextos a família se queixa de pouco esclarecimento e os professores se queixam das cobranças familiares (MUNHOZ e SCATRALHE, 2012). A comunidade escolar precisa existir como de fato uma comunidade, onde os diversos sujeitos consigam interagir em busca de uma formação de qualidade, realmente satisfatória para os educandos, educadores e suas famílias.

2.2 - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa na sua dimensão empírica, se deu em uma pequena escola situada na zona rural, onde as pessoas são bastante munidas de valores e gostam de preservar sua história e seu cotidiano, no entanto, como sou conhecida na comunidade, os informantes responderam a todas as perguntas feitas. Em suma, foi satisfatório o encontro para realização das entrevistas.

A escola tem apenas uma sala de aula, um depósito, uma secretaria, a cozinha e dois banheiros, e funciona duas turmas multisseriadas, uma com educação infantil até o 2º ano e a outra com alunos do 3º ao 5º ano. No decorrer dessa pesquisa teve-se a chance de entrevistar o corpo docente da escola, que é formado por duas professoras, além dos pais e mães de alunos, não houve entrevista com o corpo discente devido serem todas crianças menores de onze anos, com uma porcentagem pequena com idades superior a esses, e porque o foco da pesquisa tinha interesse em saber perante os pais e mães o porquê da maioria deles não acompanhar vida escolar dos filhos. Ora, Saraiva Junges (2015), nos esclarece que a família e a escola são sistemas que dividem a educação das crianças e jovens, mesmos em contextos diferentes que se assemelham, assim, nunca devemos pensar em educação, sem pensar no aluno e não podemos pensar o aluno sem a família, afinal, do ponto de vista legal cabe a esses dois eixos institucionais a função de educar a criança.

As pesquisadoras Lisiane Alvin Saraiva-Junges e Adriana Wagner (2016), ressaltam que seja qual for o contexto cultural, os pais e mães tendem a participar das mais diversas formas com as escolas de seus filhos e demonstram preocupação com seu sucesso. Por outro lado, existem resistências a serem superadas.

Assim, é fato que, independentemente do contexto cultural, os pais e mães tendem a participar e se envolver das mais variadas formas com a escola dos seus filhos e demonstram preocupação com o sucesso dos mesmos na escola; os estudantes precisam de diversos recursos e apoio para auxiliá-los a serem bem sucedidos na escola; a escola deve liderar projetos que promovam o envolvimento de todas as famílias, sem exceções; alguns professores e administradores escolares são inicialmente resistentes para promover esta parceria e ultrapassar as barreiras e dificuldades iniciais; são necessários mecanismos que auxiliem os professores e a equipe escolar a fortalecer e, sobretudo, manter os programas de parceria com as famílias; os programas são mais efetivos quando baseados em evidências científicas, quando se adaptam a cada comunidade e quando são avaliados continuamente (SARAIVA-JUNGES; WAGNER, 2016, p.115).

O que as autoras nos mostram é vigente no sistema educacional em escala mundial, não apenas na realidade da escola que se configura como campo de pesquisa, precisamos de recursos para manter os projetos ativos nas escolas, pois nem tudo que dá resultados positivos

permanece ativo devido a sua criação, há que ter investimentos na manutenção. Recursos humanos, materiais, estruturais, que são encarados pelos gestores como elementos desnecessários, visto que o corte de gastos com os serviços públicos é o mote dos últimos governos. Os investimentos em políticas públicas são vitais para sairmos da posição de sermos um país rico que tem a população empobrecida.

É preciso, entretanto, esclarecer que – do ponto de vista científico – não é possível, no estágio atual das pesquisas, estabelecer relações inequívocas entre a implicação familiar e o desempenho escolar.

Vários trabalhos assinalam uma ligação entre a existência de relações estreitas, isto é, contatos regulares, troca de informações, comunicação entre pais e mães e mestres, e sucesso escolar dos alunos. Mas a prudência se impõe. Primeiro porque todos esses estudos que anunciam efeitos benéficos da participação dos pais e mães sobre a escolaridade dos filhos, mas também sobre os próprios pais e mães, sobre os mestres ou mesmo sobre o funcionamento da escola, se baseiam em constatações de correlações estatísticas e não de um elo causal. Há ainda muito o que se fazer para distinguir melhor as variáveis e os contextos. Reter apenas uma variável – por exemplo, a frequência dos contatos pais e mães/professores – e isolá-la do conjunto de fatores que configuram a relação dos pais e mães com a escolaridade de seus filhos, é fazer como se a presença ou a ausência de uma variável agisse independentemente do contexto, é ignorar a complexidade dos processos implicados no sucesso e no fracasso escolar. (NOGUEIRA, 2008, p. 67)

Considerando as cautelas que se deve ter nas conclusões relacionadas ao tema, expomos a seguir as respostas encontradas na pesquisa empírica.

2.3 - ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS

A entrevista feita com os docentes da escola, e na escola, mostrou que as professoras são recém-chegadas a essa comunidade, entraram no final do ano passado, com o desafio de atuar como docentes nessa escola. São concursadas do município de Mãe do Rio - PA, passaram na prova objetiva e de títulos, foram empossados e estão trabalhando nessa escola. Elas mencionaram em conversa informal que serviu como fonte para pesquisa, que se houvesse vaga em localidades mais próxima a BR 010, não estariam lotadas nessa escola, pela distância, e por terem que pagar pelas passagens e pegar vários veículos para poderem chegar ao trabalho. Relataram ainda que às vezes chegam molhadas ou sujas de poeira ou lama da viagem.

As duas entrevistadas são moradoras de outros municípios, que vêm diariamente para trabalhar e retornam para sua localidade, uma delas tem outro vínculo em outro município, onde mora. A formação de ambas é em nível superior, Licenciatura em Pedagogia.

A partir do que se pode presenciar, mesmo sendo novas na comunidade, são excelentes profissionais, competentes, possuem bastante experiência prática na arte de ensinar, mesmo

ainda não estando bem adaptadas aos costumes da região estão dando seu melhor pela educação de seus alunos. Perguntou-se para elas se as mesmas mantêm contatos com os pais e mães, as respostas evidenciaram que apenas uma vez ou outra há comunicação direta.

Elas ainda mencionaram que o maior desafio delas é trabalhar em classes multisseriadas, e até mesmo por terem um coordenador que só cobra e não oferece o suporte esperado, sendo que seu apoio seria essencial, pois são necessários mecanismos que auxiliem os professores e a equipe escolar a fortalecer e, sobretudo, manter os programas de parceria com as famílias (SARAIVA, WAGNER, 2006).

Segundo a Professora I, a escola não adere a ideia de projetos que busquem aproximar as famílias na vida escolar de seus filhos, e os únicos espaços abertos as famílias são reuniões e plantões pedagógicos, sendo que muitos pais e mães se negam a participar por pensarem que esses eventos só servem para dar queixa dos filhos, e por isso preferem nem participar.

Continuando nosso processo investigativo fez-se a seguinte pergunta: - Como os pais e mães devem contribuir com a escolarização dos filhos? A professora I respondeu da seguinte forma: “colaborando com as tarefas de casa, além de uma conversa com a escola e acompanhando o processo educativo dos filhos”.

A professora II afirmou que: “os pais e mães devem manter um diálogo aberto com os professores”, e que dessa forma “favoreceria a interação e certamente os alunos progrediriam com mais eficácia”. Ambas acrescentaram ainda que os pais e mães não demonstram expectativas referente ao sucesso escolar de seus filhos, e que isso é uma desmotivação para sua profissão. Afirmaram que as vezes uma pequena contribuição faz uma enorme diferença na formação de uma criança.

Ambas também foram enfáticas ao mencionar os casos de indisciplina na escola, e nesse sentido afirmaram que a família se torna ausente, não busca dialogar, muito menos saber sobre o comportamento apresentado pelos filhos. Apesar de haver pouca interação com os pais e mães, dizem que nos poucos momentos que interagiram a comunicação foi boa, por que nota-se que no pequeno percentual de pais e mães que sempre estão presentes, os alunos têm um avanço significativo.

Uma das questões que a pesquisa evidenciou foi que a escola não deve se dirigir aos pais e mães somente quando é para apontar os pontos negativos dos filhos, e sim buscar meios para aproximá-los cada vez mais, visando seu sucesso escolar.

Perguntou-se as professoras. Se fosse para atribuir uma nota aos pais e mães de seus alunos, que nota você daria? Todas deram a mesma nota, oito (8), porém após darem a nota me explicaram que deram essa nota de forma geral, pois se dessem de um a um, teria pais e mães que ficariam com zero, pois são daqueles que nunca comparecem e os filhos pouco demonstram interesse em aprender. A professora II mencionou que ainda não encontrou turmas que a desmotivem, pois se são desmotivados pelo desinteresse de seus alunos, ela mesma busca meios pra que eles gostem de estudar, pois, de outra forma que profissional seria ela, se não tomasse iniciativa alguma para que seus alunos aprendam?

Os professores encontram-se, hoje perante vários paradoxos. Por um lado, são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente, de outro são cercados por um discurso que os coloca como responsáveis pelas próximas gerações e pela qualidade do ensino (NOVOA, 2010, p. 12). Mas será que quando a atuação de um docente vai mal seria porque não teve uma boa formação, ou será que a realidade total do cenário é que faz a diferença?

2.4 - ENTREVISTAS REALIZADA COM OS PAIS E MÃES

Os pais e mães entrevistados foram os responsáveis de um total de dezesseis (16) famílias, as quais tem filhos na escola na qual se realizou a pesquisa, sendo que se entrevistou apenas um membro de cada família, “pai ou mãe”, em sua maioria mães. A entrevista feita com os pais e mães, durante o mês de maio, mostrou que 95% deles e delas não tem o nível fundamental completo, por que não quiseram ou não puderam estudar, porque além de terem dificuldades para o acesso e permanência, não conseguiam dimensionar a importância que o estudo ou a falta dele teria para suas vidas. As entrevistas foram realizadas na casa de cada família.

As mães majoritariamente responderam que casaram cedo. E assim o nosso itinerário investigativo elencou alguns questionamentos, que estão explícitos a seguir.

A primeira questão foi “de que forma você acompanha a vida escolar de seu filho?” As respostas foram as seguintes: quatro mães responderam que “de vez enquanto estou na escola acompanhando o ensino aprendizagem de meus filhos”, seis pais e mães responderam que “acompanho participando de todos os eventos dos quais a escola dispõe”, e cinco mães responderam que “frequento a escola somente em reunião e eventos”. Apenas um pai respondeu o seguinte que “não acompanho direto no prédio escolar devido trabalhar o dia todo fora de casa e chego a noite em casa, mas ajudo em tarefas de casa, contando historinhas e escutando

histórias que seus filhos leem ou inventam”, e o principal para ele é “ajudar em educar”, que “não é por que ele não terminou os estudos que o mesmo não saiba educar seu filho”. Disse ainda que “educar é responsabilidade dos pais e mães, ensinar conteúdos disciplinares e ampliar valores de ensinamento sim é dever da escola, e os pais e mães de uma maneira ou de outra tem que ajudar para que isso ocorra”. Fiquei de queixo caído e pensei que ele tinha pelo menos o ensino Médio, mas me falou que cursou apenas o fundamental completo (Pesquisa de Campo. Maio, 2018).

Ainda sobre a primeira pergunta, ‘de que forma você acompanha a vida escolar de seus filhos dentro de casa?’ Dez me responderam que revisam todas as atividades trazidas para casa e fazendo o acompanhamento no dia a dia. Seis pais e mães disseram que perguntando se há tarefas e auxiliando na execução das mesmas (Maio, 2018).

Na segunda questão indagou-se sobre a estrutura familiar, a composição da família. Nove entrevistados responderam que é constituída por marido, mulher e filhos do mesmo casamento, uma respondeu assim: eu, papai, mamãe e meus filhos, uma outra mãe me deu a seguinte resposta: eu e meus filhos pois o pai deles já faleceu, dois pais e mães responderam que: eu minha esposa e meus filhos, três pais e mães responderam: eu e meus filhos de casamentos diferentes. Sendo que, dos dezesseis entrevistados, nove pais e mães ainda estão com o parceiro/parceira do primeiro casamento, e sete responsáveis estão no segundo casamento (Maio, 2018).

Na terceira questão procurou-se saber se os pais e mães em conjunto (pai e mãe) participam da vida escolar de seus filhos, auxiliando em todos os requisitos? Quinze deles responderam que sim, ambos participam e ajudam os filhos na escola e em questões financeiras, uma respondeu que não, que apenas a mãe contribui.

A quarta questão indagou, você acha importante que seu filho estude? Por quê? Seis pais e mães responderam que sim, pois almejam um futuro melhor para eles, “pois aqui sem estudo o futuro é trabalhar na roça”, e esperam que os filhos tenham um futuro profissional diferente do deles. Três mães responderam que esperam que eles estudem para ter um bom futuro e arrumar um emprego bom. Quatro responderam que desejam ver eles com formação no nível superior ou até mesmo um mestrado, “se Deus quiser”, afirmando que farão de tudo que estiver em seu alcance para tal. Uma falou que é importante que os filhos estudem para ter um futuro melhor que o dela, dois falaram que é importante “para ele saber das coisas”.

A quinta pergunta foi “em sua vida (pais e mães) a escolarização foi importante? De que forma?” Todos responderam sim. Destes, oito disseram que o pouco que estudaram dá para ler e escrever, e ajudar os filhos nas tarefas da escola. Dois responderam que tem um olhar bem futurista e acreditam que um dia alcançarão suas metas. Quatro responderam que sim, porque aprenderam o suficiente para não serem rotulados como “burros”. Dois entrevistados responderam que têm conhecimentos suficientes para poder contribuir com o ensino aprendizagem dos filhos.

Sobre as expectativas para o ensino aprendizagem de seus filhos, 50% dos entrevistados falaram que esperam que concluam o ensino médio e entrem na faculdade. Um pai falou que espera que o filho possa terminar pelo menos o ensino fundamental. Outro pai falou que espera que seu filho conclua os estudos até o mestrado. Seis responsáveis falaram que desejam que os filhos concluam o ensino médio, para poder arrumar um emprego.

Na sexta questão perguntou-se sobre a relação dos pais e mães com os professores e funcionários da escola na qual os filhos estudam. Nove responderam que: “Acredito ser boa, pois sempre que vou a escola sou bem recebida principalmente pelas professoras”. Seis responderam que: “boa porque todos me tratam bem na escola”, apenas um se destacou com sua resposta ressaltou que “não importa o como é minha relação com os funcionários, pode ser boa, ruim ou até uma fachada, o que me interessa é que eles tratem bem os meus filhos, que repassem uma educação onde tenha um efeito positivo” (Maio, 2018).

A pesquisa apresenta divergência em alguns casos, pois os pais e mães dizem que sempre comparecem em eventos e reunião escolares, mas esteve-se presente em duas reuniões durante a pesquisa e menos da metade de pais e mães participaram, num total de sete pais e mães, com exceção de uma justificativa de um pai que mencionou trabalhar o dia todo e que por essa razão pouco se apresenta na escola.

Pelos dados da pesquisa levantou-se que a fonte de renda e sustento dessas famílias é a agricultura, sendo seu principal produto a farinha de mandioca. Todo o processo desde o preparo da terra até o plantio, limpeza da plantação e colheita é cansativo e dura aproximadamente um ano. A produção de farinha é um processo artesanal bastante trabalhoso e o produto não é valorizado na comercialização. A renda das famílias é modesta e os serviços públicos são precários, como na maior parte do interior do estado do Pará. A escola não considera essa realidade vivenciada pelas famílias em sua organização curricular, visto que o material utilizado geralmente vem pronto dos centros urbanos.

Os pais e mães e mães entrevistados, em nenhum momento falaram que os filhos vão mal por causa dos professores, seja por não saberem ensinar ou algo desse tipo, apenas uma mãe disse que os professores faltam muito e que isso implica na educação dos filhos, além de também supor que as professoras não organizam os planos de aula para repassar, e que por isso não veem avanços na aprendizagem das crianças (Pesquisa de Campo. Maio, 2018).

Com base na tomada de dados realizada, verificamos que há dificuldades nas relações entre família e escola na comunidade investigada, embora os informantes admitam apenas indiretamente. A imagem que os responsáveis pelos educandos têm da escola e dos professores é positiva, de uma forma geral, mas há algumas críticas envolvendo assiduidade e planejamento, na percepção de alguns responsáveis. A representação que as docentes apresentam das famílias parece, superficial e insuficiente, pois essas dão a entender que a participação dos pais e mães é razoável, mas nos dados reais, como no acompanhamento de reuniões que fizemos, ela nos pareceu insuficiente, visto que menos da metade dos responsáveis compareceu. Há queixas dos docentes sobre a falta de projetos que aproximem a escola e as famílias, mas a iniciativa por projetos assim talvez precisasse partir dos educadores da comunidade, que passam a conhecer a realidade onde atuam, não nos parecendo correto atribuir essa falha exclusivamente aos coordenadores pedagógicos, que passam esporadicamente nas escolas.

Sem dúvida a raiz dos problemas é estrutural, visto que há falta de condições adequadas a uma educação de qualidade elevada desde os prédios escolares, perceptível no quadro de funcionários e na formação profissional dos trabalhadores em educação. Além disso as famílias da comunidade padecem do abandono do Estado, vivendo em condições precárias, afastados dos serviços básicos de saúde, educação, transporte, emprego e renda.

A pesquisa por mim realizada na escola em questão, demonstram que os pais e mães se posicionaram com repostas parecidas àquelas recebidas em pesquisa realizada pelo IBOPE, no ano de 2000, as repostas foram idênticas, mudando apenas a porcentagem de pais e mães.

Quanto às famílias brasileiras, sondagem realizada pelo IBOPE, em dezembro de 2000, com base em consulta a duas mil pessoas de todo o País, revelou que 97% dos pais e mães ouvidos se disseram favoráveis a visitas frequentes à escola dos filhos; 93% acham importante acompanhar a vida escolar da prole e pedem pelo menos oito reuniões anuais com os professores. Na França, uma sondagem realizada pelo IFOP, em 1998, revelou que sete em cada dez pais e mães se declaravam dispostos a participar da vida do estabelecimento de ensino. Na Suíça, mais de 50% dos pais e mães pesquisados se disseram dispostos até mesmo a fazer, eles próprios, ursos para melhor se preparar para exercer o papel de “pais e mães de aluno” (KELLERHALS e MONTANDON, 1991 apud NOGUEIRA, 2006, P. 157).

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi de uma relevância crucial para minha vida pessoal e profissional, com muitas provações, que contribuíram para meu crescimento, um trabalho acadêmico se constrói a medida em que temos ferramentas que darão suporte para que seja posto em pratica. E para que o mesmo se concretize foi de suma importância a leitura dos livros indicados durante os encontros de orientação, primeiramente a obra de Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (1981), e o livro organizado por Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (2008), *Família e Escola: trajetória de escolarização em camadas populares*. Além destes, a leitura e análise de artigos, que retratam a temática trouxeram subsídios dos quais precisei, para elaborar meu trabalho de conclusão de curso, de autores como Brandão, Nóvoa, Oliveira, Sousa.

Fez-se uma pequena análise sobre a História da Educação, a partir de Ariès, desde as raízes da educação e da família no contexto europeu, assim como os estudos feitos sobre Família e Escola no Brasil. A presente pesquisa foi um ponto crucial para que pudesse perceber que as unidades formadoras, cada uma tem seu papel na sociedade e ambas não podem estar diretamente presente nos prédios ou domínios umas das outras, pois assim como a escola tem a atribuição de ensinar conteúdos sistematizados, a família tem suas ocupações, responsabilidades no trabalho e na condução da família, de forma que ambas não podem ocupar o espaço umas das outras.

A discussão aqui proposta buscou ressaltar os fatores que estão interferindo para a pouca participação da família na vida escolar dos alunos, na Escola Nossa Senhora do Livramento, situada na zona rural da cidade de Mãe do Rio-Pará. E na busca por entender os porquês dessa ausência, obtive respostas as quais não esperava, uma vez que as evidências iniciais apontavam para um descaso total por parte da família. Após as entrevistas, as evidências foram outras, uma vez que a pesquisa comprovou que os motivos dessa ausência não são aquelas hipóteses pensadas no início do trabalho, o qual questionava-se sobre como os pais e mães não sabiam da importância de que uma família presente tem na educação escolar de seus filhos.

A partir da análise das respostas dos sujeitos da pesquisa, ficou nítido que os pais e mães participam da vida escolar de seus filhos da maneira que eles acreditam estar certos, ou muitas das vezes omitem a verdade, por acharem que a conversa que fizemos é apenas uma entrevista, sem desdobramentos. A pesquisa realizada mostrou que, muitas famílias respondem uma coisa, e não praticam, praticam outra, como professora e moradora da comunidade, pude testemunhar

como alguns alunos que não almejam um futuro com prosperidade a partir da educação, seguem um raciocínio da própria família. Percebi nas entrevistas que o trabalho que a maioria das famílias dessa comunidade exerce não é fácil, assim como não é fácil trabalhar na roça, como muitos trabalham, pois, arrancar mandioca, puxar a farinha com rodo para torrar, capinar com enxada, entre outros, são tarefas exaustivas. Pude ver que muitas vezes chegam do trabalho sem vontade para mais nada, apenas querem deitar e dormir, falo isso também por experiência própria, pois trabalhei vários anos nessa profissão, e é muito cansativo, trabalhar de sol a sol em trabalho braçal, sem descanso, não é para qualquer um.

Outro fator que pude observar é que também deve-se levar em consideração o fato de que os pais e mães não compreendem a visão que um professor qualificado tem. Seja pela formação ou pelo isolamento das vivências no interior, as famílias veem a educação de forma positiva, mas não se percebem como agentes importantes no processo de escolarização dos filhos e filhas. A pesquisa mostrou que os professores clamam por essa aproximação, pois convivem diariamente o reflexo desse descaso através do fracasso no cotidiano apresentado por alguns alunos, mas se acomodam nas constatações de que os familiares se mostram distantes das escolas. Por outro lado, naquelas famílias que estão mais presentes na vida escolar, percebe-se que a maioria dos filhos apresenta um avanço positivo de forma geral, não apenas no ensino aprendizagem, mas também no comportamento e maneira de se expressar, no convívio com toda a comunidade. Essa percepção da realidade me deixou muito feliz, por não confirmar meu pensamento inicial, minha hipótese de que não havia nada de positivo na relação família e escola naquela comunidade. Pude ver que a presença familiar na escolarização de parte dos educandos, mesma que vaga e difusa, existe.

Os professores reclamam também, de que os pais e mães além de muitas vezes não serem presentes no prédio escolar, não contribuem nem com as atividades de casa. Vale ressaltar que é preciso buscar o entendimento da realidade sociocultural e socioeducativa das famílias, para não as julgar de forma indevida. No entanto percebo que a iniciativa deve partir dos docentes, uma vez que quando eles notam que suas estratégias não estão dando certo, devem rever, pesquisar. O professor, agente qualificado, é quem deve buscar meios para que os pais e mães não só se sintam atraídos para o prédio escolar, mas que percebam que é importante o seu apoio em meio ao ensino-aprendizagem dos filhos.

No entanto, a realidade verificada na escola, é que apenas aproximadamente 50% dos pais e mães são realmente presentes na vida escolar de seus filhos onde. Os demais pais e mães, nos anos que estive trabalhando como docente, não participavam e hoje continuam sem

participar, por mais que na entrevista tenham dito que participam. Vivenciei vários encontros proporcionado pelas professoras durante minha pesquisa, onde estive apenas como colaboradora, fiz observações importantes para o presente trabalho, que fique bem claro, a metade do quantitativo de mães e pais não participam diretamente de atividades no prédio escolar, mas nas suas casas a maioria deles contribui efetivamente.

Por fim, resta dizer que a história da educação nos mostra que a educação das crianças e jovens partiu da família de início, mas somente a educação no contexto familiar não era o suficiente para acompanhar as transformações históricas no mundo do trabalho. A revolução industrial trouxe a necessidade de mão de obra qualificada para operar o maquinário, mas as famílias operárias envolvidas no trabalho, não apresentavam condições para treinar seus filhos. Como se precisava de pessoas dedicadas a esse trabalho de preparar a mão de obra, buscou-se profissionais com mais conhecimentos gerais e preparados para ensinar, criaram as escolas, para preparar coletivamente os trabalhadores. No período Medieval, antes do capitalismo industrial, a Igreja foi a responsável pela construção das primeiras escolas, que eram voltadas para formar sacerdotes, mas os tempos mudaram e as novas formas da organização da economia e do trabalho exigiram escolas para a formação social e profissional de seus quadros, e hoje as escolas continuam formando para o mercado de trabalho, a serviço da sociedade capitalista. A formação voltada para a realização dos seres humanos e para a sobrevivência da espécie humana em equilíbrio não são princípios da educação capitalista. Em parte, isso explicaria o afastamento das famílias das escolas, visto que a educação para o capital não está interessada na emancipação dos sujeitos.

No passado, as fronteiras entre as famílias e a escola eram fixadas pela instituição escolar e pelos mestres. Os profissionais da educação consideravam que os pais e mães não tinham nenhuma autoridade em matéria de ensino e nenhum lugar na escola. Esperava-se que os pais e mães apoiassem os docentes ou trouxessem contribuições pontuais, mas eles não deveriam colocar questões em matéria de pedagogia e, menos ainda, fazer críticas (MONTANDON apud NOGUEIRA, 1994, p. 189).

Essa forma de pensamento, atrelada aos propósitos e ideologias do capital, está vigente em muitas escolas, conduzida por profissionais que não se atentam para a realidade rica de conteúdos e saberes da comunidade no entorno das escolas. Por isso os professores que chegam em uma determinada região para trabalhar deveriam primeiro fazer uma análise, conhecer as famílias e a comunidade antes de rotular pais e mães.

A pesquisa permitiu-me uma visão de ambas partes (família e escola) associando os pensamentos de ambos em meio a formação dos discentes, onde as partes pensam sempre,

estarem agindo de acordo com aquilo que se acha correto, e não levam em consideração os demais interessados.

Em meio a análise das respostas obtidas pelos pais e mães é bem relevante a fala de Maria Alice Nogueira, que mostra que os pais e mães nunca culpam os professores, e sim buscam culpar-se. Os pais e mães entrevistados em hipótese nenhuma culpam os professores sobre o fracasso de seus filhos, sempre buscaram palavras para elogiá-las. O que não presenciei na fala das professoras, que culpam os pais e mães ausentes pelo fracasso de alguns alunos, sem hesitar.

Essa evidência obtida na pesquisa, tanto na bibliográfica quanto nas entrevistas realizadas em campo, me fez refletir sobre minha condição de mulher, mãe, filha, professora e servente, no momento com uma visão de vários ângulos, enquanto mãe percebo que nem sempre posso estar presente no prédio escolar que meus filhos estudam, pois nem sempre tenho tempo, pois trabalho e estudo, e contribuo com aquilo que posso e está em meu alcance. Mesmo não atuando como professora desde de 2018, sempre estou presente no meio estudantil contribuindo como posso nesse processo educacional, participando ativamente do cotidiano da instituição na qual trabalho.

No final de tudo faço uma breve reflexão autobiográfica, pois minha vida escolar e acadêmica nunca foi fácil. Sempre morei no interior, comecei estudar a alfabetização aos 7 anos em uma escola de classe multisseriada, meu pai e minha mãe faziam de tudo para que progredisse nos estudos, sempre compravam os materiais, acompanhavam em cada etapa escolar. Não aprendi a ler na alfabetização, papai logo me transferiu de escola culpando a professora, e sempre me ajudava nas minhas atividades e leituras em casa. Ao terminar a 5ª série do ensino fundamental, tive que ir para a cidade estudar pois não tinha escola próximo, e eu andava 16 km todo dia para pegar o transporte escolar. Uma de minhas irmãs e eu, saíamos de casa às 9 h da manhã, almoçávamos antes de sair de casa, e retornávamos às 8:30 h da noite, nosso pai cansado de trabalhar, ia nos encontrar no caminho, pois não tinha nem mesmo um ramal, era um caminho fechado, sem energia elétrica, sem nada. Andávamos no escuro, com apenas uma lanterna, no entanto, dessa maneira consegui concluir o ensino fundamental maior e o ensino médio. Meu pai sempre acompanhou e ficou muito feliz com essa formação, só que não tinha dinheiro pra pagar uma faculdade, assim, fiquei vários anos parada sem estudar. Casei tive dois filhos, mas nunca desisti de continuar os estudos, até que um dia depois de muito sofrimento de trabalhar na roça, e com a ajuda de meu amado marido, surgiu uma oportunidade em minha vida, que me deu a chance de realizar meu sonho, que era trabalhar como professora.

A partir desse trabalho, tive o privilégio de entrar na UFPA através do PARFOR, que realizou meu sonho de obter o nível superior, não falo isso apenas pelo diploma, mas sim pelo conhecimento compartilhado por todos os professores durante os quatro anos de duração do curso. Família e escolarização, em minha história, sempre estiveram entrelaçadas. Como docente agreguei muitos conhecimentos no curso de Pedagogia, que me ajudam a investigar e pensar a educação de forma mais ampla.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillips. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é a educação** / Carlos Rodrigues Brandão—São Paulo: Brasiliense 2013. — (Coleção Primeiros Passos; 20) 57 reimpr. da 1ª ed.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Ministério da Saúde. – 3. Ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 96 pg.

BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp. Acesso em abr. 2018.

BRASIL. LDB, **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**, 13 ed. Brasília, DF: Edições Câmara, 2016

JUNGES, Lisiane Alvim Saraiva, Adriana Wagner. **Os estudos sobre a Relação Família-Escola no Brasil: uma revisão sistemática**. Educação - Revista Quadrimestral - (Porto Alegre), v. 39, n. esp. (supl.), s114-s124, dez. 2016.

MARX, K. **O Capital**. 8.ed. São Paulo: Difel, 1982. Livro 1, v.1. (1.ed., 1867)

NOGUEIRA, Maria Alice. “A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural”. **Revista Brasileira de Educação**, nº 7, p. 42-56, jan. /fev. /mar. /Abr., 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO Nadir. **Família e escola: trajetórias escolares em camadas médias e populares**, 4 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

NOGUEIRA, Maria A., “A relação família-escola na contemporaneidade: Fenômeno social/interrogações sociológicas”. **Análise Social** nº 176, Lisboa, 1998. p.563-578.

NOVOA, Antônio. **Relação escola/sociedade: novas respostas para um velho problema**, 2010. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/24>>. Acesso em fev. 2018.

OLIVEIRA Nayara Hakime Dutra, **Contexto da família**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p.

REGATTIERI Margareth Castro e Marilza. **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 104 p.

ROCHA, Jamile Simão Cury Ferreira; CURY, Paulo José Simão; ROCHA, Rodrigo Ferreira. **Breve ensaio sobre família: da Pré-História à contemporaneidade**. Revista Jus Populis, n. 1, v. 1, jan/jun 2015, p. 243-268. Disponível em: <revistadigital.unibarretos.net/index.php/JusPopulis/article/download/46/47> Acesso em: 13 out.2017.

ZAGO, N. “Processos de escolarização nos meios populares- As contradições da obrigatoriedade escolar”, in: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). **Família & Escola-Trajétoias de Escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, L. P. e ZAGO, N. (Org.) **Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2007.